



ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AO FIM DE 30 ANOS SALAZAR CONTINUA A PROMETER...

Numa entrevista concedida ao jornalista suíço Emilie Marini, publicada em «O Século» de 13-8-56, Salazar não considera um alto nível de vida como o factor fundamental (final de onde derivam todos os outros factores) para a felicidade de um povo. Isto não é mais que uma desculpa grosseira para justificar a incapacidade da sua governação em, num longo espaço de 30 anos, não ter elevado o nível de vida do povo. Ao contrário, esse nível baixou.

Segundo dados oficiais, a capitação do produto nacional bruto de 1938 a 1953 registou um acréscimo anual de 1,4%. Mas, tal acréscimo não significa, de modo algum, que o nível de vida do povo tenha também aumentado aquela ninharia, visto que o rendimento não é distribuído pelo povo, mas sim, fundamentalmente, pelos monopólios. A distribuição do rendimento nacional que cabe ao povo é feita fundamentalmente através de salários e ordenados. Ora, os trabalhadores sabem muito bem, por experiência amarga, que os aumentos de salários obtidos, sempre à custa de dura luta, não têm, nem de longe, acompanhado o aumento do custo de vida, como até elementos salazaristas têm reconhecido. Logo se torna claro que o nível de vida do povo português baixou durante a governação salazarista, enquanto que, por outro lado, aumentaram escandalosamente os lucros dos monopólios, grandes companhias e bancos, assim como os rendimentos dos seus lestas de ferro salazaristas.

Salazar quer fazer acreditar que a felicidade do povo está numa decantada «ordem moral», subentendendo-se ordem moral salazarista que serve apenas para facilitar o enriquecimento, a felicidade, de meia dúzia de monopólios, enquanto a maioria esmagadora do povo empobrece cada vez mais, aumentando assim a sua infelicidade. Entretanto, Salazar é obrigado a reconhecer que se sentem «quase submersos numa vaga mundial de aspirações ilimitadas...» — Ve-se assim que

o original conceito de felicidade (que ele não segue) é batido pela vaga que os vai submergindo...

Um homem que serve os monopólios nacionais e estrangeiros à custa do empobrecimento geral da Nação, continua ao fim de 30 anos a aconar com um possível nível de vida «confortável, mas modesto», se o pouco tiver «bom senso», diz ele.

Pela nossa parte, estamos certos da que para conseguir esse nível de vida confortável, primeiro, e depois uma vida mais forte, o nosso povo terá, sim, o bom senso de se unir e organizar para pôr fim ao regime salazarista. O OBSTÁCULO FUNDAMENTAL A VENCER PARA ALCANÇAR AQUELE OBJECTIVO.

Com uma política de protecção aos monopólios e militaristas nenhum governo português, e muito menos o de Salazar, pode proporcionar ao povo um nível de vida confortável, embora modesto.

Salazar refere-se com amargura ao desparecimento por toda a parte da vida patriarcal dos velhos tempos, mostrando-se satisfeito por ela ainda existir em Portugal. Esta concepção de vida tem a marca reacçãoária, virada para o passado, que se opõe a tudo que é novo, a tudo que representa progresso. Com tal conceito retrógrado não se pode esperar o desenvolvimento de toda a economia portuguesa de forma a elevar progressivamente o nível de vida do povo português e a tornar o nosso país independente económica e politicamente. Neste esforço para voltar a formas mediáveis, velhas de séculos, de organização e de administração situa-se a criação das corporações. Mas, não. Salazar e a sua camarilha não conseguiram fazer entrar para trás a roda da história. O POVO PORTUGUÊS TERÁ O BOM SENSO DE SE LIVRAR DE SALAZAR E DAS SUAS CORPORACÕES. Quando mais depressa o conseguir melhor será para todos os portugueses e para Portugal.

Na referida entrevista, Salazar chama grosseiramente à crítica e auto-crítica audaz

OS INTELLECTUAIS E A DEMOCRACIA

Os clamores, os protestos, as queixas contra a política «cultural» do Estado Novo, vêm de todos os sectores da intelectualidade: GASPAR SIMÕES anuncia o fim do «teatro português agonizante»; erguem-se as vozes de AGUILINO RIBEIRO e de LUIS CHAVES para condenar o abandono do nosso património artístico e as perdas irreparáveis de obras de inculcável valor; o insuspeito DOURDIL (pintor) queixa-se da falta de liberdade de espírito e numa reunião da Câmara Municipal de

Lisboa o vereador ANÍBAL DAVID lamenta «as limitações de carácter político» feitas aos artistas; o próprio «Século» se tem feito eco do desejo do povo, dos intelectuais, de que seja abolida a censura (ainda numa sessão comemorativa do 31 de Janeiro 900 pessoas subscreveram uma moção contra a censura), escrevendo, entre outras coisas, que «a liberdade de imprensa se reveste de incontestáveis vantagens»; a pianista REGINA CASCAIS e o professor do Conservatório FERNANDO LAIRES reclamam garantia de trabalho para os músicos e edição e divulgação das suas obras; na própria Assembleia Nacional certos deputados não podem deixar de reflectir o descontentamento geral e têm que abordar problemas como o dos intelectuais desempregados (cujo número subiu de 2.000 em 1953 para 4.000), o abandono das escolas, dos museus, da Universidade pelo governo; e, ainda há pouco tempo e bem contra sua vontade, o ministro da Educação teve que vir a público responder a críticas que surgiram ao novo Plano de Estudos de Engenharia.

É o tom de todas estas vozes acusadoras atinguir tão grau que Salazar, pretendendo demonstrar através de uma pseudo exposição cultural que essas queixas não tinham razão de ser. Porém há apenas uma exposição que tudo revelaria ao nosso povo e ao mundo a que não é possível fazer, porque nestes 30 anos de fascismo se perdeu tudo o que nela deveria figurar: seria a das incalculáveis perdas que a cultura sofreu pela não elaboração de centenas e centenas de obras de real valor que a censura, a falta de liberdade de concepção, as perseguições e ameaças de toda a espécie não deixaram ver a luz.

Mas, no fundo o que significa tudo isto?

(continua na pág. 2)

(continua na pág. 2)

A MENTIRA DO CICLO INFERNAL

Quando pretendem iludir os trabalhadores e recusar-lhes aumento de salários e de ordenados os grandes patrões e autoridades salazaristas (em particular o actual Ministro das Corporações) costumam invocar o estafado argumento da que o aumento dos salários, ordenados e vencimentos implicaria, como consequência, a subida do custo da vida, que cairíamos assim num «ciclo infernal».

A prova que este argumento dos governantes salazaristas e do grande patronato é redundante (isto estão os lucros crescentes das grandes empresas monopolistas, a que muitos elementos da camarilha salazarista estão ligados. Servindo os interesses dos tubarões do grande capital, os governantes salazaristas procuram esconder aos trabalhadores os lucros escandalosos alcançados pelas grandes empresas monopolistas, procuram errar-lhes a ideia «de que tudo vai mal, tanto para trabalhadores como para os grandes capitalistas».

Vejam alguns exemplos concretos da maré de rosas em que navegam as grandes empresas monopolistas, sob a sombra acolhedora do governo de Salazar. Tomando como comparação os lucros líquidos e confessados por grandes empresas entre 1950 e 1955, verificamos que a maioria delas duplicou os lucros neste espaço de tempo.

EMPRESAS:	LUCROS EM 1950 (contos)	LUCROS EM 1955 (contos)
MABOR	6.967	12.462 (1954)
Comp. Portuguesa de Tabacos	15.005	19.121 (1954)
Banco Espírito Santo	27.591	41.826
Banco de Angola	22.529	49.141
Companhia das Telefones	14.003	49.815
Banco Nacional Ultramarino	24.973	50.650 (1954)
Comp. Reunidas Gás e Electr.	39.985	55.493
Caminha do Ferro da Berguela	29.256	73.073 (1954)
SACOR	28.611	77.190 (1954)
Comp. Diamantes de Angola	172.075	267.925 (1953)

Vemos, por esta pequena amostra, que os lucros confessados destas grandes empresas aumentaram EM MAIS DO DOBRO no curto intervalo de 5 anos. Porém os salários e ordenados dos seus milhares de trabalhadores mantêm-se estacionários, se é que não baixaram. Por isso mesmo elas viram crescer de ano para ano os seus astronómicos lucros.

Isto prova-nos claramente que o patronato pode e deve pagar melhores salários e ordenados a que o estafado argumento do Ministro das Corporações, ao falar do «ciclo infernal», não passa duma desculpa a favor do grande patronato, que é mais uma arma virada contra os interesses dos trabalhadores.

O EXEMPLO DA REVOLUÇÃO DE 1820

Portugal, há 136 anos, atravessava uma situação difícilíssima. O povo vivia na miséria, os operários agrícolas e industriais não tinham as menores regalias das que lhes pertenciam como homens, como produtores das riquezas que outros acumulavam ou entregavam ao estrangeiro.

como patriotas que acabavam de expulsar as tropas invasoras de Napoleão, batendo-se nas fileiras do exército e organizando guerrilhas.

A burguesia comercial e industrial era pouco pelos impostos e por uma política governamental ditada do Brasil (onde o rei se refugiara das invasões francesas), que não tomava em conta nem os seus interesses nem as suas aspirações. Os militares recebiam ordens de um general estrangeiro, o inglês Beresford. As cadeias mais repletas estavam cheias de patriotas descontentes. A liberdade dos cidadãos era palavra vã, e a própria vida estava ameaçada a menor suspeita. Gomes Freixo de Andrade e outros patriotas tinham pago com a vida o seu amor à Pátria.

O descontentamento popular era evidente e a burguesia, a corrente progressiva da época, aproveitou-o para, numa franco-fé unidade criada no Porto — o Sinédrio — e apoiada no exército e em inúmeros Juntos revolucionários ao longo de todo o País, proclamar no Porto um regime liberal, que terminasse com aquele estado de coisas e realizasse pela primeira vez em Portugal eleições para escolha dos representantes populares que conduziriam os negócios do País.

A Revolução de 24 de Agosto de 1820, que por meios pacíficos implantou um regime progressivo no País, é data brilhante da nossa história e deve ser tomada como exemplo já que só foi possível pela existência dum largo unidade nacional, apoiada no povo e nos militares patriotas descontentes, e auxiliada, desde a primeira hora, pela intelectualidade progressiva!

O descontentamento popular era evidente e a burguesia, a corrente progressiva da época, aproveitou-o para, numa franco-fé unidade criada no Porto — o Sinédrio — e apoiada no exército e em inúmeros Juntos revolucionários ao longo de todo o País, proclamar no Porto um regime liberal, que terminasse com aquele estado de coisas e realizasse pela primeira vez em Portugal eleições para escolha dos representantes populares que conduziriam os negócios do País.

ACABEM AS MEDIDAS DE SEGURANÇA AMNISTIA! AMNISTIA! AMNISTIA!

Todos os portugueses de coração, todas as pessoas a quem o ódio e os seus interesses egoístas não tornaram completamente insensíveis ante as injustiças e ilegalidades de governo salazarista, apoiem e colaborem na luta nacional por uma ampla amnistia para todos os presos políticos e sociais.

No mês de Junho, se em quatro aldeias do concelho de Serpa, foram recolhidas 1.350 assinaturas para o Apelo Nacional de Amnistia, o mesmo sucedendo em muitas outras terras do País. Até hoje esse Apelo já foi assinado por mais de 10.000 pessoas. Será o prosseguimento da luta pela Amnistia que levará o governo a ouvir a voz do nosso povo e a libertar patriotas e democratas que se encontram há longos anos nas terríveis prisões salazaristas e que aí morrerão, se o nosso povo os não salvar, como é o caso de FRANCISCO MIGUEL, de GEORGETE FERREIRA, de ALVARO CUNHA, e de outros presos, cujas vidas preciosas correm grave perigo!

Com a criação das céleradas «medidas de segurança» o governo de Salazar pretende condenar à prisão perpétua os democratas e patriotas que se opõem à sua política da guerra e opressão nacional. Damos a seguir uma lista de mais de uma dezena de portugueses honrados que a sombra das «medidas de segurança» o salazarismo se recusou a libertar apesar de terem já cumprido as suas condenações nas datas seguintes:

- Álvaro Cunhal em 24-1-56
- Francisco Miguel > Nov. de 53
- Joaquim António Campino > 10-4-55
- José Maria do Rosário > 9-10-54
- José Magro > 14-3-51
- Manuel Queadas > 17-11-55
- Alcino de Sousa > 2-7-54
- Júlio Paour > 8-4-55
- Severiano Faício > 24-5-54
- Rogério de Carvalho > 28-5-55
- Francisco de Sousa > 27-4-53
- Daniel Matos Faustino > 2-7-56
- João Coentro Silva > 21-12-52
- Jacinto de Palma Luz > 1-4-56
- Artur M. Valente > 9-4-56

Reclamar a libertação destes patriotas condenados ilegalmente a prisão perpétua é, pois, um dever da consciência de todas as pessoas honestas! Escrevai nesse sentido às autoridades e assinai o Apelo Nacional pró-Amnistia!

GEORGETE FERREIRA

ESTÁ A SER ASSASSINADA LENTAMENTE!

A todas as pessoas honradas, a todos os portugueses, em cujo coração não morreu o sentimento de humanidade e justiça, apelamos a fazer o que ao seu alcance estiver em defesa da vida de GEORGETE FERREIRA que está a ser assassinada lentamente pela PIDE, no cadela de Caxias!

Os seus padecimentos tem-se agravado continuamente em consequência do regime

terrorista a que está submetida e pelo facto da PIDE se negar a interná-lo no hospital, como o seu estado exige.

Sofrendo dum effecção genital de origem tuberculosa, que se revelou no prisão, Georgete Ferreira perde continuamente sangue em hemorragias pretengadas.

Com uma úlcera no estômago e um padecimento grave no fígado tem febre e dores de cabeça quase permanentemente.

O seu estado de magreza é impressionante pois perdeu quase 30 quilos em 20 meses, pesando apenas 42 quilos!

Nem neste estado Georgete Ferreira escapa ao ódio assassino da PIDE. Por protestar contra a falta de tratamento foi castigada recentemente com 90 dias de cela disciplinar, não recebendo qualquer tratamento neste espaço de tempo.

Urge salvar esta vida humana reclamando por abaixo assinados, telegramas e telefonemas, junto do Ministro do Interior e do Director da PIDE, o seu imediato internamento hospitalar!

ONDE PÁRA FRANCISCO MIGUEL?

Como o «Avante!» publicou no seu último número, o grande patriota Francisco Miguel, que está encarcerado há 9 anos seguidos e que já terminou há anos a pena, encontra-se gravemente doente nas prisões da PIDE do Porto, devido às constantes perseguições e maus tratos de que tem sido alvo por parte dos carcereiros.

As últimas notícias dizem-nos que se agravou ainda mais a situação de F. Miguel a ponto da sua vida perigar gravemente. Completamente isolado dos restantes presos, castigado de novo com 20 dias de sagredo, apesar de muito doente, sem qualquer assistência médica digna desse nome, desconhece-se neste momento o seu paradeiro e a sua verdadeira situação.

NOVOS MILHARES DE OPERÁRIOS OBTÊM AUMENTO DE SALÁRIOS!

Por negociações entre as Comissões escolhidas pelos operários e os patrões, por concentrações junto das gerências das empresas e nos sindicatos, por meio de exposições aos patrões, sindicatos, INT e ministro das Corporações, vários milhares de operários, ao fim de salários aumentados e muitos outros milhares através de todo o país continuam a lutar por aumento.

Na empresa metalúrgica de ANÍBAL ABRANTES (Marinha Grande) todos os operários conseguiram aumento de 1800 a 10300 por dia. Na fábrica de vidros de MANUEL PEREIRA (M. Grande) todos os operários das obragens de máquinas foram aumentados em 7550 por dia.

Na fábrica de adubos, VIUVA REIS (Sacavém), depois de muita insistência os descarregadores obtiveram aumento de 7500, mas apenas quando descarregam cianamido. ESTES OPERÁRIOS DEVERIAM INSISTIR PARA QUE O AUMENTO RECAIA SOBRE TODO O TRABALHO. Na SODA POVOA (Santa Iria) o aumento alcançado consistiu num subsídio de 90300 mensais para a renda de casa, MAS OS OPERÁRIOS DESTA EMPRESA desejam a integração do subsídio no salário.

Na C.U.F. o aumento já anunciado de 15%, estendeu-se a todas as suas dependências espalhadas pelo país.

Por sua vez todos os motoristas de Lisboa de carros ligeiros e pesados, com excepção dos da Carris, alcançaram um aumento de 25%.

Apesar dos aumentos verificados, os salários continuam muito baixos, pois nem umas destas empresas e nas cidades em números anteriores do «Avante!» há muitos operários cujo salário não ultrapassa 26300, o que é uma verdadeira miséria dado o elevado custo da vida.

Os aumentos já obtidos por dezenas de milhares de operários são uma garantia de que em todas as empresas do país os operários e empregados serão aumentados se insistirem na luta bem unidos junto dos pa-

trões, dos sindicatos, dos delegados do INT e do ministério das Corporações.

Os aumentos já verificados são também uma demonstração de que os operários e patrões se podem entender muito bem, com vista a novos aumentos e novas condições de trabalho, sem a interferência, quase sempre conflituosa, das autoridades governamentais, particularmente do bando da PIDE. A maioria dos patrões está disposta a fazê-lo sem a presença incómoda e arbitraria das forças repressivas. Mas também, é verdade, há alguns patrões (que sempre grandes) que logo que os operários se lhes dirigem os provocam com insultos, ao mesmo tempo que chamam a PIDE, GNR, etc., tais os casos, por exemplo, de gerência da firma PARDAL MONTEIRO (Peró Pinheiro) e do proprietário da VICRIS (Alcoaba). Há ainda outros patrões que quando os operários pedem aumento os ameaçam de despedimento. Estas atitudes pouco limpas e desumanas têm por objetivo impedir a acção dos operários e, portanto, não os aumentarem. Mas, se os operários se unirem sempre e forem persistentes na luta, poderão ter a certeza que mais cedo, ou um pouco mais tarde, alcançarão melhoria da situação—alcançarão a vitória.

CONTRA A EXPLORAÇÃO E O TERROR NAS EMPRESAS!

A genância desenfadada de alguns patrões transforma-os em verdadeiros roedores em Portugal e em esbirros policiais.

Assim, na empresa SANTOS BAROSA (M. Grande) vários operários não recebem o salário mínimo como manda a lei. Em vez de 275800 semanais, o Sr. Santos Barosa paga apenas 200300. Na IVINA, da mesma localidade, os operários são submetidos a um trabalho esgotante: trabalham mais, produzem mais, mas ganham o mesmo que antes. AUMENTO DE PRODUÇÃO, SIM, MAS DE FORMA QUE O ESFORÇO FÍSICO DOS OPERÁRIOS SEJA DIMINUÍDO EM VEZ DE AUMENTADO E COM A GARANTIA DE TRABALHO ASSEGURADO PARA TODOS COM SALÁRIOS RENUMERADORES.

A gerência da firma PARDAL MONTEIRO (Peró Pinheiro) quando os operários de todas as empresas de canlaria pediam aumento de salários, chamou a PIDE cujos agentes se espalharam pelas fábricas em atitudes provocadoras, dizendo aos operários que ganhavam muito dinheiro, etc. Vê-se assim que a «ordem» que as forças repressivas defendem é a ordem dos baixos salários para que os grandes possam engordar à custa da miséria e fome dos trabalhadores.

Na fábrica de LOIÇA DE SACAVÉM, os operários são vítimas de uma exploração infame imposta pelos patrões ingleses, vivem num ambiente de repressão e terror. Há aqui mulheres a ganharem a miséria de 10300 por dia. O desinteresse pela vida dos operários é total. Os salários baixos ao belo prazer dos patrões; as multas e os castigos com suspensões de trabalho a até de despedimento sucedem-se por tudo e por nada. Os operários não podem falar uns com os outros. A direcção da empresa instalou ali um agente da PIDE, camuflado para o efeito em agente da Judiciária, a quem paga 1.600\$00 por mês. Este senhor provoca os operários e submete-os a revistas e buscas constantes sob o pretexto de um inventado roubo de um inexistente portamooedas com 1310 (1) e de um chapéu de chuva que o senhor polícia procura nas lençóis dos operários (1). Durante o último inverno, foi aterrorizado para cima de uma camionete sem qualquer resguardo, um operário que tinha doado e enviado para casa, e não para o hospital, onde chegou já morto. Os operários que tenham a infelicidade de estar doentes mais de 6 meses são despedidos, enquanto que os idosos têm um verdadeiro horror às doenças, porque se eles se prolongam perdem o direito à reforma que se conquistou.

As autoridades locais e governamentais conhecem tudo isto mas, longe de impedirem tais actos arbitrários e desumanos, ajudam os patrões na sua execução, enviando para as empresas agentes policiais pagos com o dinheiro roubado aos próprios trabalhadores.

Para fazer frente à exploração e repressão nas empresas, os trabalhadores só têm um meio, mais eficaz, organizarem-se em Comissões, unirem-se e todos juntos resistirem à infame exploração de que são alvo, indo até à paralização de trabalho para imporem, aos patrões que assim procedem e ao governo, respeito pelos seus direitos e vidas e para conseguirem ver satisfeitos as suas justas reivindicações.

A VIDA E A LUTA DO NOSSO POVO VISTA DO ESTRANGEIRO

As lutas do povo português contra o regime salazarista, assim como os crimes deste, tornam-se cada vez mais conhecidos num número crescente de países. Sabemos que numerosas publicações estrangeiras se têm referido a Portugal e ao seu povo.

«PRAVDA», órgão central do Partido Comunista da União Soviética, publicou no começo deste ano um longo artigo sobre a situação do povo português.

«A MULHER SOVIÉTICA», revista soviética que se edita em várias línguas, publicou no seu número do mês de Maio um artigo consagrado ao assassinio de Catarina Eufémia.

«PROBLEMAS», revista brasileira de cultura marxista, publicou no seu número 67 a biografia do camarada Alvaro Cunhal.

«VOZ OPERÁRIA», semanário brasileiro, também publicou vários artigos sobre a repressão salazarista, destacando-o de 17-3-56 sobre a situação de Alvaro Cunhal.

«IMPRESA POPULAR», diário de Rio de Janeiro, tem também publicado regularmente notícias de Portugal. Assim a 23-9-56, a 13-2-56, a 3-4-56 e em outras datas tem publicado artigos e «Cartas de Lisboa» desmascarando a acção do governo de Salazar e apoiando a luta do nosso povo contra a repressão.

«L'HUMANITE», órgão central do Partido Comunista Francês, publicou a 25-5-56 um

artigo de Max Léon, ilustrado com a reprodução da imprensa do Partido Comunista Português, intitulado «Portugal depois de 30 anos de «Revolução Nacional»», que ocupa quase toda uma página deste diário, onde se foca a situação económica e política do nosso país e as lutas dos trabalhadores. Também a 16-1-56, a 23-1-56 e a 26-3-56 este grande jornal do povo francês publicou notícias sobre a repressão em Portugal.

«UNITA», órgão central do Partido Comunista Italiano, publicou a 20-3-56 um artigo acompanhado da fotografia de Alvaro Cunhal sobre a situação deste nosso camarada.

«TOSCANA NUOVA», hebdomadário da organização do Partido Comunista Italiano de Florença, publicou a 5-2-56 um artigo ilustrado com a reprodução do «Avante!», nº 199 sobre Alvaro Cunhal, onde se dá um resumo da biografia deste nosso camarada.

«ESPANA», semanário dos emigrados anti-franquistes em Franco, publicou vários artigos sobre Portugal, destacando-se entre estes o de 9-2-56 sobre a vida dos anti-salazaristas presos.

«LE LIBERTAIRE», semanário anarquista francês, publicou a 29-12-55 um artigo sobre a situação dos jovens presos no Porto.

«LE MONDE», importante jornal diário francês, publicou em Janeiro deste ano uma carta assinada por N. A. Paber sobre o regime prisional em Portugal.

Em São Paulo (Brasil) começou a ser publicado em Julho, deste ano, o semanário «PORTUGAL DEMOCRÁTICO». Do seu primeiro número destacamos o artigo sobre a prisão dos jovens e outro sobre as lutas do povo português, além de informações de muito interesse sobre a situação política no nosso país.

OS OPERÁRIOS DE PORTIMÃO INDICAM O CAMINHO!

Como resposta a um justo pedido de aumento de salários feito numa fábrica de conservas de Portimão, o dono desta despediu 2 operários. Indignados com tal atitude e num belo exemplo de solidariedade, todos os 200 operários a operária da fábrica se declararam em greve, no que foram apoiados pouco depois pelos 400 operários e operárias de duas fábricas próximas.

Após a paralização, os 600 operários e operárias das 3 fábricas juntaram-se em massa junto dos escritórios da empresa a que pertenciam os operários despedidos e não saíram dali enquanto não lhes garantiram a imediata reintegração dos dois operários, o que obtiveram.

O caminho seguido pelos operários Conserveiros de Portimão é mais um comprovação de que a unidade da classe operária é o meio eficaz de fazer respeitar os seus direitos e defender os seus interesses.

AUXÍLIO O «AVANTE!»

«Avante!», jornal dos trabalhadores e do povo português, que a despeito de todas as perseguições da polícia política continua a publicar-se regularmente, vive exclusivamente do apoio e auxílio dos seus leitores e amigos. Se simplifica com a acção do Avante! e se deseja que este beluário da imprensa livre continue a viver e a levar a todo o país as notícias sobre a vida e a luta do nosso povo, auxilie o «Avante!» enviando-nos a sua contribuição e formando à sua volta um grupo de Amigos do «Avante!»

PROSSIQUE A LUTA DOS SOLDADOS

Num quartel de LISBOA, os soldados fizeram vários protestos contra a qualidade do rancho tendo conseguido que fosse melhorado.

Num quartel do Alentejo também os soldados se levantaram protestando contra o rancho. O oficial do dia que, aos gritos e assobios dos soldados, se dirigiu ao refectório para saber o que se passava, concordou que o rancho não prestava. Ainda pretenderam castigar os soldados que principiam o protesto, mas não conseguiram descobrir quem tinha sido. Desde então o rancho melhorou.

Neste mesmo quartel, há um tenente que espanca frequentemente os soldados. Há pouco, vergastou um soldado, deixando-lhe o corpo todo negro. O médico do quartel não só não lhe fez qualquer tratamento,

mento, como ainda o castigou com 4 dias de prisão.

Em BEJA, os soldados passam fome porque o rancho ninguém o pode comer—consta quase sempre de arroz com bacalhau ou peixe podre, ou então dão dobrada ou mãos de vaca cheias de pelos ou que cheiram mal.

A BURLA DA PREVIDÊNCIA

DESMASCARADA POR UM MEMBRO DA «UNIÃO NACIONAL»

Porque foca com espírito realista a situação dos serviços da Previdência e do Comissariado do Desemprego, passamos a transcrever as afirmações desmascaradas do Dr. Matos Gomes no recente Congresso da «União Nacional», na sua tese «Previdência e Assistência», publicada a páginas 25, 26 e 27 do volume «Vida Social», que contém as teses apresentadas ao IV Congresso.

«Verifica-se, no entanto, que à medida que a Previdência dita «social» avança como polvo financeiro, capitalista, plutocrata, proprietário e industrial, accionista em todo o complexo das sociedades anónimas, mais e mais pesada é a tarefa que incumbem à Assistência do Estado ou do Estado conjugada com a dos particulares. Quer dizer: em vez de solucionar problemas, de aliviar situações, de valorizar e servir o homem que trabalha e produz, a Previdência, que devia ser «social», entra pela esfera do económico e do lucro do Homem. Este é apenas a fonte de receitas gigantescas confididas ao uso e ao abuso de outrem e sem provecto para o chamado beneficiário, a não ser que se trate de tristes migalhas para iludir a realidade.»

«Numa boa Previdência, que fosse efectivamente social, o Desemprego não seria também nem um servidouro para que todos contribuíssem obrigatoriamente nem preciso como fachada que é. Aí, o Desemprego serve para tudo menos para acudir aos que algum dia se viram a braços com a dolorosa situação de desempregados. A colocação de desempregados seria tarefa específica da organização sindical. É a Lei

que o diz. As situações de ordem material emergentes do desemprego forçado só poderiam competir à Previdência.»

«Tal como foi instituído em Portugal, o seguro obrigatório obedece a um critério do porfhorista. Capitaliza e investe depois. A aplicação de capitais pertencentes aos trabalhadores é posta assim inteiramente ao serviço da outra «classe», a capitalista. Com este perigo: o investimento pode ser ruinoso. E não o tem sido em casos absolutamente concretos?»

«Quanto aos chamados beneficiários, só quem fecha os ouvidos aos clamores de pessoas que trabalharam vinte e trinta anos e se viram incapazes ou desempregadas dum momento para o outro, alçados para o «lucro» social, sem que nem o Desemprego nem a Previdência as «conheçam», apesar de toda a vida ou grande parte dela lhes terem «arrancado» descontos, é que pode dizer ou acreditar que para eles existe de facto uma Previdência.»

«O seguro social funciona ao contrário. Há que procurar outros métodos e outros homens. A gerência e administração foram confiadas a individualidades que «ignoram» em regra o mundo do Trabalho e dos trabalhadores. De mais a mais, o dinheiro dos trabalhadores—que é sagrado ou devia sê-lo...—tem de deixar de justificar cargas de administração altamente remuneradas para felizardos não menos altamente protegidos.»

Estas afirmações precisas, desassombadas e realistas provêm de um homem que tem trabalhado no I.N.T. e que, por isso mesmo, conhece bem todo o funcionamento

to da Previdência e do Comissariado do Desemprego. Nada mais temos a acrescentar ao que o Dr. Matos Gomes disse no Congresso do seu partido. As nossas afirmações e as dele são filhas duma realidade, de bem gritada.

AO FIM DE 30 ANOS...

(continuação)

Soviética e proíbe até o simples visita de portugueses à União Soviética.

Num mundo em que dezenas de países, com uma população de mais de metade da humanidade, regem as suas relações internacionais pelo princípio da coexistência pacífica, Salazar sentiu-se obrigado a referir-se-lhe, mas para afirmar clinicamente que: «pondo de parte a tendência expansionista e verdadeiramente imperialista, na Europa e em toda a parte, todas as divergências devem solucionar-se pacificamente.»

Treduzido em bom português, isto quer dizer: entre os países capitalistas todas as divergências podem ser solucionadas pacificamente (coisa que na prática ele não segue). Ao contrário, para as divergências entre países capitalistas e países do campo socialista a guerra é o único meio para as solucionar. Naturalmente que esta linguagem não pode deixar de soar estranhamente num mundo em que o princípio da coexistência pacífica ganha continuamente novas adesões.

OS INTELLECTUAIS...

(continuação)

Significa que a política de obscurantismo, retrocesso e ignorância dum regime pulefacto, que sobrevive à custa do mais feroz terror e do apoio estrangeiro, política que assenta na odiada censura e na ressuscitação das teorias medievais e já obsoletas nas artes, letras e ciências, é condenada pela grande massa dos trabalhadores das artes, letras e ciências. Significa que um punhado de grã-senhores sem-pátria não podem enterrar as já remotas tradições patrióticas e progressivas da intelectualidade e da Academia da nossa terra, que, mais duma vez, têm participado no lado do povo nas lutas libertadoras.

E não podem porque essas tradições são tão fortes como o próprio povo, onde mergulham suas raízes. Elas fazem parte daquelas tradições que à classe operária—classe ascendente de sociedade de hoje—compete perseverar e valorizar, como todas as tradições de que ela é a legítima herdeira pela força da evolução histórica. Mas, como vemos a classe operária não está só na sua luta pela defesa e revigoração destas tradições. O que ela de há muito vem denunciando como um crime, como um atentado contra a cultura nacional é hoje reconhecido pela maioria esmagadora dos intelectuais e estudantes.